

Má gestão desmantela e torna Angra 3 um mausoléu¹

Julio Lopes²

Angra 3 tornou-se o maior símbolo da ineficiência estatal e da má administração de recursos públicos no Brasil. O projeto, que já se arrasta há 39 anos, nasceu com a promessa de ser um marco na geração de energia nuclear no país, mas em vez disso, se transformou em um verdadeiro mausoléu de concreto e ferro no litoral do Rio de Janeiro. Ao longo das décadas, assistimos governos de várias esferas prometerem a sua conclusão, só para esbarrar em falhas de planejamento, gestão e falta de vontade política.

O retorno de Luiz Inácio Lula da Silva (PT) à Presidência trouxe uma nova esperança para muitos setores, mas Angra 3 parece continuar num limbo. Sob o governo do PT, a obra foi reiniciada em 2009, com a promessa de que, desta vez, seria diferente. No entanto, 15 anos depois, o projeto permanece inacabado e está longe de ver a luz no fim do túnel.

O CUSTO POLÍTICO E ECONÔMICO

Não estamos falando só de um fracasso técnico. A cada ano que Angra 3 permanece inativa, o Brasil perde competitividade no setor energético, e os custos financeiros continuam a crescer. Estima-se que, até o momento, foram enterrados R\$ 20 bilhões em uma obra que, para ser finalizada, exigirá ainda mais R\$ 26 bilhões dos cofres públicos. O que está em jogo não é só a energia, mas o futuro da nossa infraestrutura e da confiança que o Brasil pode ou não ter no cenário internacional.

É difícil acreditar que o governo atual esteja disposto a arcar com o custo político de desmantelar o projeto de Angra 3, transformando uma promessa de independência energética em um monumento à ineficiência. A imagem de uma planta nuclear inacabada sendo abandonada ou demolida seria devastadora, e não só para o governo de Lula. Essa narrativa ganharia destaque nas manchetes de grandes veículos internacionais, tornando-se um símbolo da malversação de dinheiro público e da incapacidade crônica de gestão dos recursos estatais.

UM DESFECHO QUE CUSTA CARO

Pensemos nas consequências políticas de um desmantelamento. Se o governo optar por desistir de Angra 3, teremos uma crise energética em nossas mãos. Ao final de 2025 ou início de 2026, enfrentaremos o risco de uma nova escassez hídrica, como vimos recentemente. Sem Angra 3, o Brasil ficará ainda mais vulnerável às oscilações do clima

¹ Artigo publicado em Poder360. Disponível

em: <https://www.poder360.com.br/opiniao/ma-gestao-desmantela-projeto-e-torna-angra-3-um-mausoleu/>

Acessado em 19.10.2024

² Ex-deputado Federal

e dependente de fontes de energia menos sustentáveis. Isso seria um desastre para qualquer campanha eleitoral e para a imagem de qualquer governante.

Nenhum governo tem o direito de enterrar bilhões em uma obra e depois abandoná-la sem justificativa técnica ou estratégica sólida. É preciso reconhecer que o desmantelamento de Angra 3 seria um golpe não apenas econômico, mas de imagem, afetando diretamente a confiança de investidores e parceiros internacionais no Brasil. E essa é uma batalha que não pode ser relegada a órgãos técnicos, como a [EPE](#) (Empresa de Pesquisa Energética). A decisão de manter ou não Angra 3 é política, e a responsabilidade precisa ser assumida de forma transparente.

EXEMPLOS A NÃO SEGUIR

O descomissionamento de usinas nucleares traz consigo uma série de implicações econômicas e energéticas. Na Alemanha, por exemplo, a decisão de encerrar suas atividades nucleares impactou significativamente a economia e o bolso dos cidadãos. O custo associado ao desligamento das usinas, à perda de uma fonte de energia barata e confiável, e à transição para alternativas mais caras e, às vezes, menos eficientes, elevou as tarifas de energia e pressionou a infraestrutura energética do país. O país acabou entrando em uma encruzilhada, porque com a guerra tiveram que reativar as usinas de carvão e comprar a energia nuclear da França.

Essas experiências servem de alerta para o Brasil em relação a Angra 3. O descomissionamento precoce de uma usina nuclear, especialmente uma que já consumiu bilhões em investimentos públicos como Angra 3, pode não só representar um desperdício de recursos, mas também precipitar uma crise energética ao reduzir a diversificação de nossa matriz energética em um momento crítico de necessidade por fontes estáveis e sustentáveis.

A lição que fica é clara: a energia nuclear, quando administrada de forma responsável e eficaz, pode desempenhar um papel vital na segurança energética e na estabilidade econômica de um país.

O CAMINHO A SEGUIR

A conclusão de Angra 3 é, antes de tudo, uma questão de responsabilidade pública. O Brasil não pode continuar deixando suas promessas de geração de energia sustentável e limpa naufragarem em falhas de governança e planejamento. O tempo de hesitação precisa acabar. Não estamos apenas adiando uma obra; estamos comprometendo o futuro energético do país e colocando em risco a segurança de milhões de brasileiros.

A responsabilidade de não jogar fora R\$ 20 bilhões, de concluir Angra 3 e, assim, evitar que se torne um símbolo do fracasso político, deve ser encarada com seriedade. Abandonar esse projeto seria enterrar de vez qualquer esperança de progresso no campo da energia nuclear no Brasil.